

# O samba de Vera Daisy Barcellos

Rodrigo Flores / 16 de fevereiro de 2023 / Entre Nós, Perfil



## Perfil | Graduada pela UFRGS, jornalista tem uma larga trajetória no Carnaval e nas lutas feministas e antirracistas

\*Foto: Everton Cardoso/JU

A escadaria da Borges de Medeiros, no centro de Porto Alegre, se prepara para um samba: enquanto as mesas são colocadas na rua, Vera Daisy Barcellos, toda cheirosa e arrumada, varre o chão de pedra. A função de manter limpos os espaços públicos é da prefeitura, ela sempre lembra, mas já que o poder público não faz cabe aos sambistas fazerem.

Vera Daisy nasceu em 7 de outubro de 1948, em Porto Alegre. Filha de uma empregada doméstica, foi criada junto da família dos patrões, numa casa chefiada por um general. A ideia seria que ela crescesse e com o passar do tempo tomasse o lugar de sua mãe como doméstica, na mesma família, como era comum na época. Quando ela tinha oito anos, seu irmão adotivo Adyr Canello Faria pressionou a família para que ela entrasse na escola e aprendesse pelo menos a ler e escrever.

Mas a educação é um caminho sem volta: depois de concluir a primeira parte do ensino, ingressou no equivalente ao nível médio no Colégio Pio XII, escola à época dirigida por Zilah Totta. A menina que tinha aprendido a ler saía do quarto escondida à noite, quando todos dormiam, entrava na biblioteca do general e pegava os livros e revistas “dos adultos”. Queria se informar sobre o mundo e sobre o que acontecia de verdade, além do que era permitido às crianças na época.

Ao final do tempo de ensino, as revistas e jornais tinham inspirado em Vera Daisy uma carreira: jornalista. A família com quem vivia foi contra, afinal, o máximo que poderia chegar era professora, já que “jornalismo era profissão de homem”. Mas com a ajuda de seu irmão adotivo, bateu o pé e prestou vestibular. Passou em terceiro lugar.

Vera Daisy entrou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 1969, início dos anos de chumbo. As aulas do curso de Jornalismo ainda eram no Câmpus Centro, junto com o curso de Filosofia. A ditadura escancarada prendia e promovia o desaparecimento de alunos. Ela conta que era costume se esconderem debaixo das mesas do Bar da Filô (atual Bar do Antônio) para fugir da repressão.

No segundo semestre do curso, Vera Daisy acompanhou as mudanças na Universidade, com a transferência de câmpus dos cursos de Filosofia e Jornalismo – o primeiro para o Câmpus do Vale, o segundo para o atual prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Durante o curso, Vera conheceu Oliveira Silveira, ativista negro que a convidou a fazer parte do Movimento Palmares. Fundada em Porto Alegre, a organização seria responsável, mais tarde, pela estipulação do 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. Vera Daisy conta que participou das reuniões semanais por cerca de um ano, mas “eram intermináveis reuniões todos os sábados... Eu sou muito prática, isso começou a me cansar”.

### Vera Daisy, jornalista

Ao entrar profissionalmente no jornalismo, ela e outros antigos companheiros do Palmares formaram a Tição, revista sobre e para pessoas negras. A ideia era crescer e bater de frente com a mídia tradicional. Ou, como ela diz: “Nós seríamos os grandes empresários negros da imprensa gaúcha”.

Depois de mais de um ano de preparação e muitas reuniões, chegou a hora de publicar a primeira edição. Só que, em 1978, isso significava ter que enfrentar o Departamento de Ordem Política Social (Dops), responsável pela censura.

A encarregada por comparecer ao órgão da repressão deveria ser a editora-chefe – nesse caso, Vera Daisy. Com vinte e poucos anos, sem saber se voltaria do Dops, ela levou o material para a análise dos censores. O primeiro número da revista foi aprovado e lançado, com textos críticos e ácidos, crônicas, entrevistas, tirinhas e tudo o que se podia imprimir em papel. Sem nomes assinados, mas também sem nada removido.

O real inimigo da Tição foi o próprio sistema capitalista: a publicação chegou a apenas dois números e não conseguiu se sustentar por mais tempo. Ainda assim, correu o mundo, o que, numa época sem internet, só podia ser mensurado pelas cartas que chegavam, vindas de países da América do Sul, Europa, África e outras partes do planeta.

Outro ponto de destaque na carreira de Vera Daisy foi sua passagem como editora do jornal “A Voz da Serra”, o primeiro periódico do interior a ganhar o prêmio de jornalismo da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) por recontar a história da colonização da região serrana do estado pela perspectiva feminina e feminista.

Vera Daisy também passou pela Zero Hora, em que fazia a cobertura dos chamados “esportes amadores”, hoje em dia conhecidos como esportes olímpicos. Mas havia uma época do ano em que ela trocava de editoria. Ao chegar janeiro, ela saía da redação esportiva e ia para a redação de Carnaval. A cobertura envolvia todos os preparativos das escolas de samba de Porto Alegre, desde os ensaios até o desfile final. Quando chegavam os dias de fato, a festa popular ocupava páginas inteiras do periódico, além de rádio e televisão.

De todas as experiências de cobertura do Carnaval, o que mais a marcou foi que a reportagem não envolvia uma descrição distante e “imparcial” das escolas, mas a pauta era observar o Carnaval de dentro, se preparando, ensaiando e, por fim, no dia da folia, sambando com a escola pela passarela.

### Vera Daisy, sambista

Autora de livros, sindicalista, militante dos movimentos negro e feminista, com um perfil que o limite de caracteres não me deixa explorar por completo, mas que supera qualquer expectativa que se tenha de uma biografia tão significativa. Depois de ter lutado contra o machismo, racismo, ditadura e a censura, as terças-feiras de Vera Daisy são dedicadas ao samba.

O chão da escadaria, limpo pela ex-presidenta do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, começa a receber cadeiras. As mesas de madeira se juntam e a iluminação é colocada. O samba já vai começar.

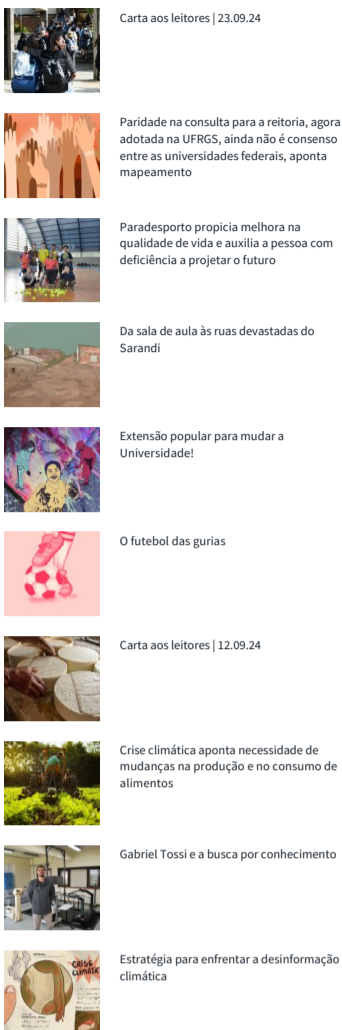
Os músicos chegam, vão ao fundo do bar pegar seus instrumentos. Um deles é o filho de Vera Daisy, Juliano, o vocalista da banda, que passa e manda um beijo para a mãe. O amor pelo samba é de família: o irmão de Vera Daisy foi o grande sambista Carlos Alberto Barcellos, conhecido como o Roxo.

Aos poucos, a escadaria começa a encher, as mesas ocupadas, as cervejas sendo servidas, a banda tocando e Vera Daisy acompanhando e fazendo de tudo um pouco, sem nenhuma intenção de parar ou diminuir o ritmo.

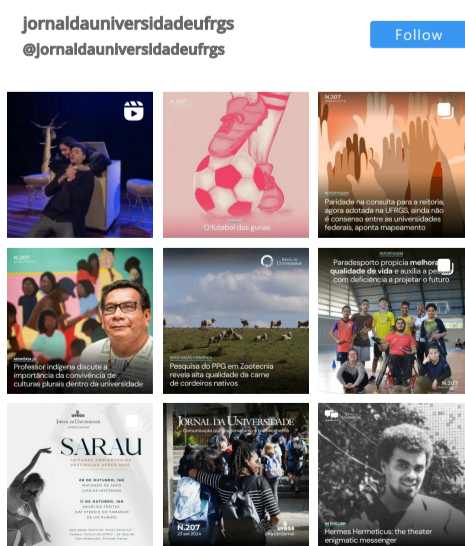
### :: Posts relacionados



### :: ÚLTIMAS



### INSTAGRAM



View on Instagram

### REALIZAÇÃO



### CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS  
Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060  
(51) 3308.3368  
jornal@ufrgs.br